

Luvita Hiero- glífico

Gramática e leitura

Caio Geraldes

[<caio.geraldes@usp.br>](mailto:caio.geraldes@usp.br)

2024

Sumário

0.1	Descobrimdo o luvita	1
0.2	Quando, onde, quem?	2
1	Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal	5
1.1	Sistema de escrita	5
1.1.1	Fonogramas	6
1.1.2	Logogramas	9
1.1.3	Recomendações bibliográficas	12
1.2	Fonologia	12
1.2.1	Vogais	12
1.2.2	Oclusivas	13
1.2.3	Nasais	14
1.2.4	Recomendações bibliográficas	14
1.3	Flexão nominal	14
1.4	Leitura: BABYLON 3	16
	Referências	19

Introdução

0.1 Descobrindo o *luvita*

Luvita denota um povo e uma língua e seus dialetos cuja existência, até o começo do século passado, estava perdida na história.¹ Quando no final do século XIX foram encontrados blocos de pedra no norte da Síria com inscrições em hieróglifos em alto relevo, associaram esta nova língua e o povo que a escreveu com os *hititas*, um povo que até então era lembrado por passagens da bíblia hebraica e alguns documentos recentemente descobertos em assírio. Em 1906, as escavações realizadas em Boğazköy/Boğazkale sob direção de Hugo Winkler e Theodore Makridi revelaram a cidade de Hattusa, capital do que teria sido depois chamado de Império Hitita, e nela um grande arquivo de documentos em cuneiforme em uma língua até então desconhecida.² Apenas em 1915-17, Bedřich Hrozný conseguiria ao mesmo tempo demonstrar que a língua nesses arquivos e em duas cartas previamente escavadas em *Tell el-Amarna* (Egito moderno) era uma língua indo-europeia e produzir um esboço gramatical dela, identificando-a como a língua dos hititas. Entre os textos em cuneiforme escavados em Boğazköy entre 1906 e 22 revelaram dentro deles trechos que os autores das tabuletas avisam que devem ser lidos *luwili*, isto é “como *luvita*”.³ Como alguns termos soltos ou incluídos em léxicos dessa língua aparecem marcados com um sinal cuneiforme, 𐎶, chamado pelo nome alemão *Glossenkeil*, sugeriu-se chamar essa língua também de *Glossenkeilsprache*.⁴

A língua dos hieróglifos das inscrições sírias, no entanto, permaneceu praticamente ilegível desde sua descoberta até a década de 30.⁵ No começo da dé-

¹ Esta seção está baseada sobretudo em Hawkins (2000a), Melchert (2003b) e Hoffner Jr. e Melchert (2008).

² A decifração do cuneiforme nesta altura já estava bastante adiantada, tendo sido iniciada nos primeiros anos do século XIX e relativamente bem estabelecida dentro da primeira metade do século para o persa antigo, acadiano e elamita.

³ Os códigos legais hititas contém provisões também de uma região, ainda hoje com localização disputada, chamada KUR *Lu-ú-i-ya*.

⁴ Os textos em *luvita* cuneiforme estão editados em Starke (1985) e Yakubovich e Mouton (2023). Outra língua aparece, embora raramente, nos textos hititas precedida por 𐎶, o palaico. Os textos em palaico estão editados em Carruba (1970).

⁵ Alguns sinais tinham sido corretamente interpretados por Sayce entre 1882 e 1884, a saber os logogramas L.17 𐎶 REX e L.228 𐎶 REGIO, respectivamente correspondentes aos cuneifor-

cada de 30, contribuições separadas de Meriggi, Gelb, Forrer, Bossert e Hrozný ofereceram interpretação de diversos logogramas e interpretações ou, ao menos, aproximações para alguns silabogramas, permitindo as primeiras tentativas de interpretação. Alguns avanços foram feitos durante as décadas de 1940 a 1960, com a compilação de selos digráficos (hieroglíficos e cuneiformes) e com a publicação parcial da inscrição bilíngue em hieroglífico e fenício de Karatepe descoberta por Bossert e Halet Çambel. Foi apenas com a publicação das “Novas leituras” por [Hawkins, Morpurgo Davies e Neumann \(1974\)](#) que se pode finalmente identificar a língua dos hieróglifos hititas com a língua dos *Glossen-keil* que deveriam ser lidos *luwili*. Daí em diante, estas línguas passaram a ser conhecidas respectivamente como *luvita hieroglífico* e *luvita cuneiforme*.

0.2 Quando, onde, quem?

Embora tenhamos contado um pouco sobre a descoberta e decifração do luvita hieroglífico, convém dizer um pouco sobre o contexto histórico dessa língua.

Datação Os primeiros textos legais hititas contendo menções à terra chamada de *Luwiya*, hit. KUR *Lu-ú-i-ya*, posteriormente chamada de Arzawa, datam da metade do segundo milênio antes da era comum, no Antigo Império Hitita.⁶

1. Imperial: séc. XIII AEC, entre as dinastias de Tudhaliya IV e Suppiliuma II
2. Neo-hitita: *circa* 1100-700 AEC

mes ~~»~~ LUGAL ‘rei’ e ~~»~~ KUR ‘país/território’.

⁶ CTH 291 e 292. Tradução das leis em [Hoffner Jr. \(1997\)](#).

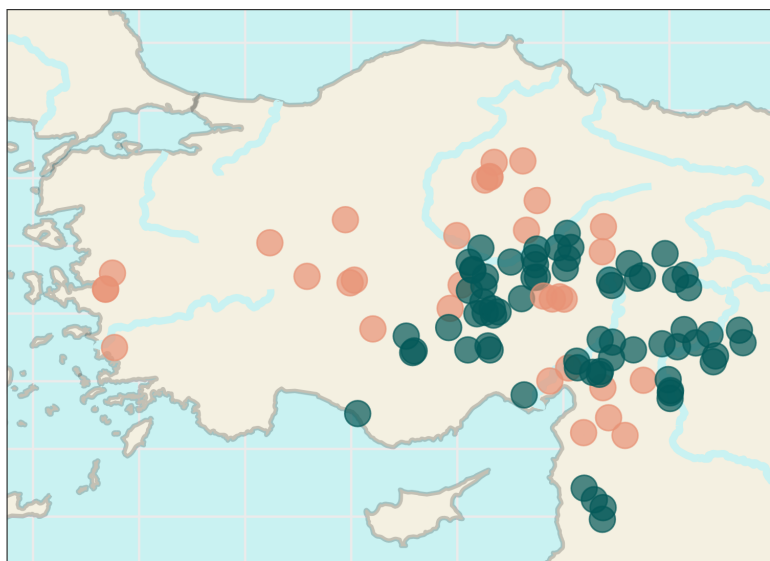






Figura 0.1: Mapa contendo a localização das inscrições monumentais em luvita hieroglífico. Os pontos laranjas representam inscrições do período imperial enquanto os verdes, inscrições do período neo-hitita.

1 Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal

1.1 Sistema de escrita

Os hieróglifos anatólicos são um sistema de escrita autóctone da Anatólia utilizado, até onde se sabe, apenas para escrever textos em luvita. O sistema utiliza tanto *logogramas*, i.e. caracteres que denotam uma unidade semântica, quanto *fonogramas*, i.e. caracteres que denotam sons da língua. Há duas variedades principais dos hieróglifos, os de baixo relevo, produzidos com incisões no material de suportes, e os de alto relevo, produzidos desbastando a pedra em volta dos caracteres.¹ As inscrições do período imperial utilizam sinais levemente diferentes dos sinais das inscrições do período neo-hitita e seus escribas tendem a preferir o uso de logogramas em detrimento dos fonogramas.²



Parte dos hieróglifos pode ter interpretação tanto de logograma quanto de fonograma e, em alguns casos, a interpretação fonográfica surgiu por *rebus*, isto é, o logograma passou a ser utilizado para indicar parte do som da palavra originalmente denotada por ele, como em (1). Alguns sinais não estabilizaram uma leitura fonográfica quando da escrita das inscrições que nos chegaram e ainda, por vezes, são lidos como *rebus*, como em (2).

- (1) a. L.66 DARE  = *pi(ya)*- ‘dar’ → /pi/
b. L.509 (=L.329) CURRERE  /  = *hwi(ya)*- ‘correr’ → /hwi/
(2) L.13 PRAE  = *pari* / *paran* ‘em frente’ → /pa.ri/³

Transliteração e transcrição Por razões de comodidade, costuma-se transliterar o texto hieroglífico no alfabeto latino e então produzir a transcrição do que se supõe ter sido a forma “corrida” do texto luvita, ao menos no quanto nós somos capazes de reconstruir as formas linguísticas subjacentes.

¹ Neste documento, caracteres dos hieróglifos anatólicos serão tipografados utilizando a fonte Noto Sans Anatolian Hieroglyphs, que os representa, na maior parte dos casos, no estilo de baixo-relevo do período pós-imperial.

² Para detalhes do sistema de escrita, vide Hawkins (2000a, pp. 6ff. e pp. 23ff.) e Hawkins (2024, pp. 354ff.).

³ Como no nome próprio Parita, escrito   PRAE-tá- = *Parita*- em QAL ‘AT EL MUDIQ, § 1.

A convenção de transliteração para o alfabeto latino consiste em:

1. Se o sinal não tem interpretação estabelecida ou a interpretação no contexto é incerta, incluir o número do logograma conforme em [Laroche \(1960\)](#), seja com um asterisco ou um *L.* antecedendo o número
2. Se o sinal tem valor logográfico ou *rebus*, escrever o valor semântico convencional em latim, seguindo [Laroche \(1960\)](#) e letras maiúsculas.⁴
3. Se um ou mais logogramas estão em função de *determinativo (vide sub)*, eles são colocados entre parênteses.
4. Se o sinal tem valor fonográfico, utilizar letras minúsculas.
5. Sinais que pertencem à mesma palavra são separados por hifens.

A transcrição seguem as seguintes convenções:

1. sinais sem interpretação estabelecida ou logogramas cuja forma linguística subjacente é desconhecida, permanecem transliterados;
2. sinais logográficos com interpretação fonológica conhecida são convertidos pela palavra que representam;
3. sinais interpretados como *rebus* são convertidos pro valor fonológico;
4. os hifens são excluídos e os sinais com valor fonológico são unidos.

Como a transcrição depende da interpretação das formas linguísticas subjacentes, a conversão não é de um para um e depende de nossas suposições sobre a língua. Com frequência, diferentes autores produzem diferentes transcrições para uma mesma sequência de sinais e, quando em dúvida entre duas formas possíveis, incluem parênteses nos pontos incertos.

1.1.1 Fonogramas

Os fonogramas dos hieróglifos anatólicos representam unidades de sílabas, sendo também chamados de silabogramas. Em sua maioria, eles representam sequências de V (Vogal) e CV (Consoante Vogal), com alguns poucos representando a sequência CVCV, mas apenas quando a segunda sequência de *consoante-vogal* representa a sílaba *ra/ri*. O silabário “regular” para o período das cidades-estado neo-hititas está representado em [Figura 1.1](#) e [Figura 1.2](#) e os sinais para séries CVCV estão em [Figura 1.3](#).

Fonogramas múltiplos Sons que podem ser representadas por mais de um sinal recebem na transliteração sinais adicionais. Utilizando por exemplo o som /a/, a forma mais comum será transliterada <a>, a segunda mais comum pelo acento agudo <á> (=a₂), a terceira pelo acento grave <à> (=a₃) e as demais por números subscritos, como <a₅>. Formas que podem ter diversas vogais são grafadas com as opções de vogal separadas por uma barra, </>.

⁴ Por vezes, sinais que denotam topônimos não são latinizados e grafados em itálico.
















































































		<i>a</i>	(450)			<i>i</i>	(209)			<i>u</i>	(105)
		<i>á</i>	(19)								
		<i>ha</i>	(215)			<i>hi</i>	(413)			<i>hu</i>	(307)
		<i>há</i>	(196)								
		<i>ka</i>	(434)			<i>ki</i>	(446)			<i>ku</i>	(423)
		<i>la</i>	(176)			<i>li</i>	(278)			<i>lu/a/i</i>	(445)
		<i>lá/i</i>	(172)			<i>la/i</i>	(319)				
		<i>ma</i>	(110)			<i>mi</i>	(391)			<i>mu</i>	(107)
		<i>na</i>	(35)			<i>ni</i>	(411)			<i>nu</i>	(153)
						<i>ní</i>	(214)			<i>nú</i>	(395)
		<i>pa</i>	(334)			<i>pi</i>	(66)			<i>pu</i>	(328)
		<i>ra/i</i>	(383)							<i>ru</i>	(412)
		<i>sa</i>	(415)			<i>si</i>	(174)			<i>su</i>	(370)
		<i>sá</i>	(433)								
		<i>sà</i>	(104)								
		<i>sa_s</i>	(327)								
		<i>ta</i>	(100)			<i>ti</i>	(90)			<i>tu</i>	(89)
		<i>tá</i>	(29)							<i>tú</i>	(325)
		<i>da</i>	(41)								
		<i>wa/i</i>	(439)								

Figura 1.1: Silabário regular (HAWKINS, 2024, p. 419) – Parte 1

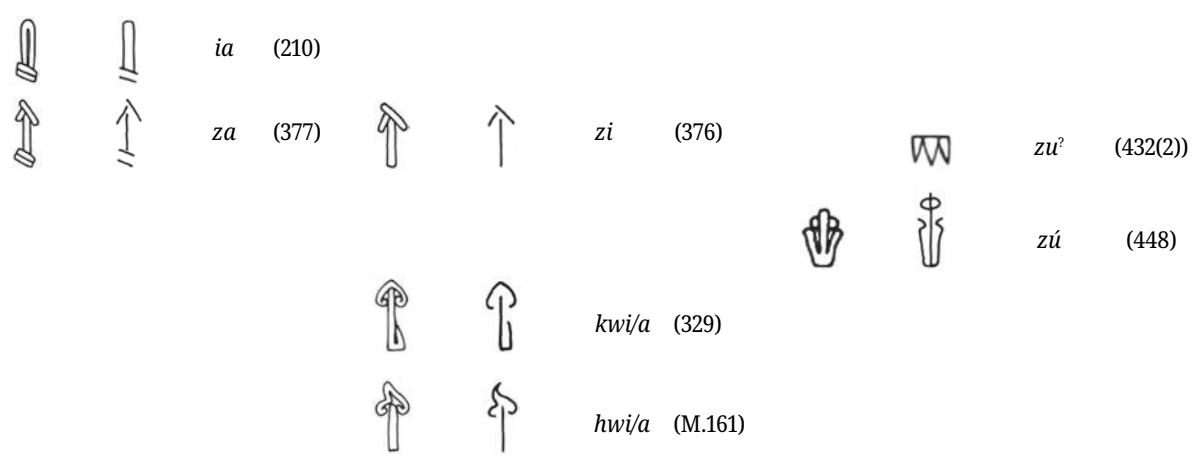


Figura 1.2: Silabário regular (HAWKINS, 2024, p. 421) – Parte 2

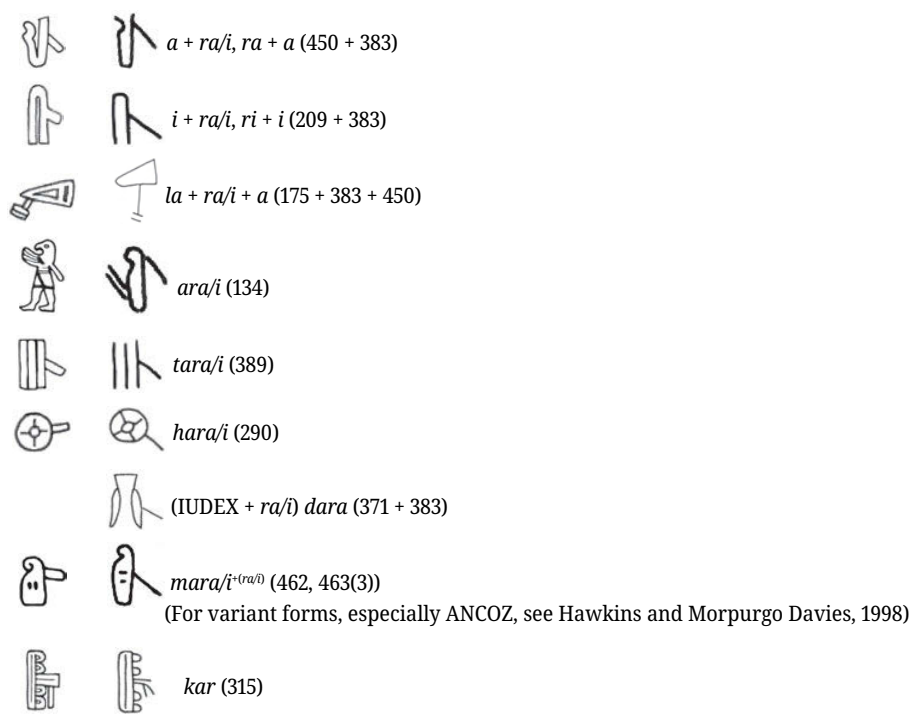










Figura 1.3: Fonogramas CVCV (HAWKINS, 2024, p. 422)

Consoantes isoladas Com esse sistema que sempre representa sequências (C)V, é impossível representar encontros consonantais e consoantes finais. Via de regra, o costume dos escribas era de grafar uma consoante qualquer X com o fonograma utilizado para grafar a sílaba /Xa/. Em português, isso tornaria as palavras *barco* e *barraco* idênticas na grafia, <ba-ra-co>, exigindo que o falante recuperasse pelo contexto e conhecimento da língua qual a forma fonológica ali representada.⁵ Assim, para escrever *hamsukalas* “bisneto”, um escriba de MARAŞ 1 escreveu:

- (3) ...      
 ... ha ma su ka la sá
 ... *hamsukalas* (MARAŞ 1, §1d)





Aqui, os grafemas <ma> e <sá> devem ser interpretados como as suas respectivas consoantes puras /m/ e /s/.

L.382 \ ra/i O silabograma para /ra/ ou /ri/ age de maneira distinta dos demais por ser uma espécie de grafema *enclítico*, ou seja, ele não pode aparecer por conta própria e sempre ocorre ‘apoiado’ em outro fonograma. Para representar uma sílaba final /ra/ ou /ri/, ele é representado apoiado em um <a> ou <i>:



- (4) a.  = a+ra/i
 b.  = i+ra/i.




1.1.2 Logogramas

Os logogramas dos hieróglifos anatólicos representam unidades de sentido completo como palavras ou conceitos que, às vezes, podem ser interpretados pelo desenho que representam, como em (5). As palavras em *luvita* subjacentes aos logogramas só nos são conhecidas por ocasiões em que o escriba, além de utilizar o logograma, escreve também a palavra com os silabogramas da forma, como é o caso em (6).







- (5) 
 OVIS
 -
 ‘ovelha’ (EMİRGAZI 1, §§19)
- (6)   
 OVIS ha wa/i
hawa
 ‘ovelha’ (KULULU l.s. 2, §§1.2–11, etc.)

⁵ Consoantes geminadas não são representadas nos hieróglifos anatólicos.

Forma linguística subjacente desconhecida No entanto, não é sempre que temos essa sorte e todas as atestações de um logograma que nos chegaram o fizeram sem os complementos fonológicos, como em (7). Nesse caso, sabendo que o sinal L.104  CAPRA é utilizado também para grafar a sílaba /sa/, tanto na forma mais pictórica como na forma simplificada  e que em hitita a palavra para caprinos é *šaš(š)a*, podemos supor que a palavra subjacente ao logograma L.104 é *sasa-*. Comparações com o luvita cuneiforme e com línguas histórica e geograficamente próximas do luvita hieroglífico nos permitem elucidar as formas subjacentes que não nos chegaram grafadas, mas há casos em que é impossível alcançar qualquer suposição razoável ou satisfatória, como em (8).




- (7)  / 
CAPRA
sasa ? (hit. *šaš(š)a*)
'cabra'
- (8) 
ADORARE
???
'rezar?' (HISARCIK 2, § 1)

Logograma + silabogramas Como mencionado acima e ilustrado por (6), por vezes um logograma é seguido da palavra subjacente escrita por completo. Essa prática é comum e frequente. Além disso, alguns logogramas são seguidos de silabogramas representando apenas partes da palavra subjacente. Por vezes, como em (9), apenas a desinência flexional da palavra é escrita (i.e., as marcas de caso, gênero e número para substantivos e as de número, pessoa, tempo e modo). Em outros casos, partes além da desinência são escritas com os silabogramas enquanto outras são deixadas sem representação, como em (10), em que a primeira sílaba de /tu.wa.ta/, /tu/, é representada pelo logograma, enquanto as demais sílabas são representadas com silabogramas.


- (9)  
PONERE ha
tuwaha
'(eu) coloquei' (HAMA 4, §§7)
- (10)    
PONERE wa/i ta
tuwata
'(ele) colocou' (BABYLON 3)












Nada exige que as sílabas que seguem um logograma sejam *contíguas* na palavra subjacente, por vezes apenas a primeira e última sílabas são representadas. A palavra para 'filho', no nominativo singular, é *nimuwizas*, como atestado pela

escrita plena (FILIUS)ni-mu-wa/i-za-sa, bastante frequente no corpus.⁶ No entanto, em algumas inscrições, ela aparece grafada:

- (11)  C  
 FILIUS ni za sa
nīmuwizas / nizas?
 ‘filho’ (HAMA 1–3, 6–7, §1)


É impossível decidir se a palavra subjacente nesse caso e em situações semelhantes é uma forma realmente abreviada na fala – que poderia muito bem ser uma forma coloquial – ou se se trata apenas de uma abreviação gráfica. Esses casos são, no entanto, raros.

Logogramas com múltiplas leituras Alguns logogramas servem para representar múltiplas palavras de um mesmo campo semântico. O logograma L.45  era utilizado para denotar palavras no campo semântico de ‘filho, criança, irmão’, sendo transliterada pelas palavras latinas FILIUS, INFANS e FRATER respectivamente. Nestes casos, é comum que a palavra siga escrita também em silabogramas, ao menos parcialmente:

- (12) a.  C    
 FILIUS ni mu wa/i za sa
nīmuwizas
 ‘filho’ (KÖRKÜN, §1)
- b.  C   C
 INFANS ni wa/i+ra/i ni (= INFANS.NI-wa/i+ra/i-ni-?)
niwarani?
 ‘criança (incapaz?)’ (MARAŞ 4, §14)
- c.    C
 FRATER la i sa (= FRATER.LA-i-sa?)
lanis? (≈ luv.cun. *nani(ya)-?*, cf. hit. *negna-*)
 ‘irmão’ (ALEPPO 2, §3)

Note-se que no caso de *niwarani* ‘criança’ e *lani* ‘irmão’, não podemos estabelecer certeza da forma fonológica subjacente, posto que ou não temos esses termos registrados em luvita cuneiforme, o luvita cuneiforme os registra com variações e a comparação com o hitita é inconclusiva.⁷ O mesmo ocorre em diversos casos em que um logograma possui múltiplas leituras possíveis.”

⁶ KÖRKÜN, §1; KARKAMIŞ A2+3, §1; TELL AHMAR 1, §13; EĞREK, §1; QAL ‘AT EL MUDIQ, §1; HAMA 4, §1; HAMA 8, §1; HINES, §1; ŞIRZI, §1; KARKAMIŞ A11a, §1; TELL AHMAR 1, §§1, 19(-i).

⁷ A interpretação das formas subjacentes ao logograma L.45  como INFANS e FRATER discutida em Hawkins (1980, p. 143–6) e Yakubovic (2010, p. 387).

1.1.3 Recomendações bibliográficas

O panorama geral do sistema de escrita pode ser encontrado em [Hawkins \(2003, p. 155ff.\)](#). Uma discussão detalhada e atualizada sobre todos os sinais conhecidos e com as evidências utilizadas para sua interpretação pode ser encontrada em [Hawkins \(2024, p. 354–488\)](#). Diversos artigos sobre sinais específicos são frequentemente publicados, sendo os mais importantes [Hawkins, Morpurgo Davies e Neumann \(1974\)](#), [Rieken \(2008\)](#) e [Rieken e Yakubovich \(2010\)](#).

1.2 Fonologia

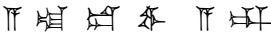

Utilizando apenas o silabário regular do luwita hieroglífico seríamos capazes de reconstruir o seguinte inventário de fonemas:

- Vogais: *a, i, u*
- Oclusivas: *p, t, k*
- Nasais: *m, n*
- Fricativas: *s, z, h*
- Outras: *r, l, w, y*

No entanto, esse inventário de fonemas não parece ser o inventário realmente utilizado pela língua.

1.2.1 Vogais

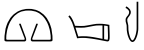
Vogais longas O cuneiforme utilizado para grafar o luwita cuneiforme é capaz de representar a oposição entre vogais longas e breves por meio da grafia *plena*, quando a vogal longa é representada pela adição do cuneiforme representando a vogal sem consoantes. Os escribas não se valem da escrita plena de maneira regular, mas alguns pares contrastivos, como (13), apontam para uma distinção fonêmica.

- (13) a. 
a- ad- du- wa- a- al
ādduwāl
 ‘mal’ (88 II 11, KBo XXIX 9 Ro 10*)
- b. 
a- ad- du- wa- la
ādduwala
 ‘males’ (39 iii 26.)⁸

Escrita do /a/ inicial Por razões ainda desconhecidas, o /a/ em início de palavra com frequência aparece grafado no final da palavra, vide (14). Para deixar claro que este é o caso, pode-se transliterar um <a> inicial escrito em posição

⁸ Exemplos tirados de [Melchert \(1993\)](#).

final com um asterisco. Essa prática parece mais comum na idade do bronze, mas não deixa de ser utilizada ao longo de todo o uso do sistema de escrita. Há ainda casos em que o /a/ em início de sentença não é grafado.

- (14) 
 sa tu a
 *asatu
 ‘que ele seja’ (EMIRGAZI, §17)

1.2.2 Oclusivas

/t/ vs. /d/ Em primeiro lugar, temos como evidência o *rotacismo* de algumas dentais em ambiente intervocálico. O rotacismo não ocorre de maneira consistente em nenhuma região geográfica ou período da língua luvita e formas com os sinais para /t/ e /r/ com frequência aparecem no mesmo texto. As formas que sofrem rotacismo são, de acordo com Morpurgo Davies (1982, p. 249–50):


1. desinências de ablativo em *-ati*: <-a-ti> e <-Ca-ra/i-(i)>.
2. desinências de terceira pessoa:
 - a) presente *-ti*: <-ti> ou <-ra/i-(i)>;
 - b) pretérito *-ta*: <-ta> ou <-ra/i>;
 - c) imperativo *-tu*: <-tu> ou <-ru>.
3. partículas enclíticas:
 - a) reflexivo / pronominal =*ti*: <-ti> ou <-ra/i-(i)>;
 - b) pronominal =*tu*: <-tu> ou <-ru>;
 - c) pronominal =*ata*: <-a-ta> ou <-a+ra/i>.
4. itens lexicais, dois deles com etimologia bem estabelecida:
 - a) <á-ru-na> ‘comer’ de PIE **ed*-;
 - b) <pa+ra/i-za> (dat.pl., SULTANHAN, §9) de PIE **ped*-, mas também grafado <pa-da> (dat.sg., SULTANHAN, §6).

Por comparação com a evidência do luvita cuneiforme⁹ e lício e por razões tipológicas, assume-se atualmente que o rotacismo apenas incindia sobre uma consoante próxima de uma oclusiva sonora dental /d/.¹⁰ Além disso, os sinais previamente considerados intercambiáveis da série /ta/, antigos <ta₁₋₅>, deixaram de sê-lo desde o artigo de Rieken (2008), que demonstrou que <ta₃> não é intercambiável com <ta₁₋₂> e desde o artigo de Rieken e Yakubovich (2010), que demonstrou que os antigos <ta₄> e <ta₅> correspondem a <la/i> e <lá/i>, respectivamente.

⁹ Em luvita cuneiforme, embora irregular, a consoante /d/ é representada pela grafia das dentais sem geminação, como *a-a-ta* /ada/ ‘ele fez’, em contraste com *a-at-ta* /ata/ (conj.+partic.).

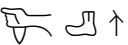
¹⁰ Esse /d/ pode ter duas origens, como argumenta Morpurgo Davies (1982): 1. PIE **d*; 2. PIE **t* em pelo menos dois contextos: a) PIE $\check{V}tV$ > luv.com. $\check{V}dV$; b) PIE $\check{V}CVtV$ > luv.com. $\check{V}CVdV$; i.e., após vogais longas ou ditongos acentuados e entre vogais não acentuadas.

/p/ vs. /b/ e /k/ vs. /g/ Por comparação com o luvita cuneiforme, cujo sistema de escrita diferencia oclusivas surdas e sonoras, ainda que os escribas não registrem a oposição de maneira sistemática ou regular, pode-se supor que o luvita diferenciava também surdas e sonoras para as oclusivas bilabiais e velares. Por vezes utiliza-se outras línguas que tiveram contato com o luvita para decidir se um sinal /CV/ representa uma C surda ou sonora, como no caso do exemplo em (15): a divindade <KuPaPa> parece corresponder à mesma divindade referida pelo grego Κυβήβη (Hdt. 5.102).¹¹

- (15) 
 DEUS ku pa pa
 (DEUS) *Kubaba*
 Kubaba

1.2.3 Nasais

/n/ pré-consonantal Uma particularidade da escrita luvita é não grafar o /n/ pré-consonantal onde ele seria esperado pela reconstrução linguística ou comparação com o luvita cuneiforme.¹² Em português, isso tornaria as palavras *manga* e *maga* idênticas na grafia, <ma-ga>. Para escrever a palavra para ‘pais’, grafa-se:

- (16) 
 tá ti zi
tatinzi (MARAŞ 1, §12)

1.2.4 Recomendações bibliográficas

Sobre a fonologia histórica do luvita em relação às demais línguas anatólicas, ver [Melchert \(1994, p. 229ff.\)](#). Para uma descrição detalhada do sistema fonológico luvita, ver [Melchert \(2003a, p. 177ff.\)](#). A tese de [Vertegaal \(2020\)](#) contém discussões sobre a grafia de dentais e vogais longas em luvita.

¹¹ A associação com o grego Κυβήβη (Ar. Av. 876), com o frígio (*matar*) *Kubileya* (B-01), (*matar*) *Kubeleya* (W-04) e com o lídio *kufad* (4a4) é ainda disputada, vide [Gusmani \(1964, p. 156\)](#), [Obrador-Cursach \(2020, p. 280–1\)](#).

¹² Alguns interpretam nisso um sinal de que, ao menos no dialeto das inscrições em hieróglifos, os falantes não mais produziam a consoante /n/, mas sim a nasalização da vogal anterior, o que não estaria documentado nos textos luvitas em cuneiforme por conta ou de práticas ortográficas de escribas acostumados com a ortografia cuneiforme do hitita, ou de uma diferença dialetal entre o dialeto da era do bronze e da era do ferro. Se for este o caso, o exemplo (16) representaria /ta.ĩ.tsi/.

1.3 Flexão nominal

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Ut purus elit, vestibulum ut, placerat ac, adipiscing vitae, felis. Curabitur dictum gravida mauris. Nam arcu libero, nonummy eget, consectetur id, vulputate a, magna. Donec vehicula augue eu neque. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Mauris ut leo. Cras viverra metus rhoncus sem. Nulla et lectus vestibulum urna fringilla ultrices. Phasellus eu tellus sit amet tortor gravida placerat. Integer sapien est, iaculis in, pretium quis, viverra ac, nunc. Praesent eget sem vel leo ultrices bibendum. Aenean faucibus. Morbi dolor nulla, malesuada eu, pulvinar at, mollis ac, nulla. Curabitur auctor semper nulla. Donec varius orci eget risus. Duis nibh mi, congue eu, accumsan eleifend, sagittis quis, diam. Duis eget orci sit amet orci dignissim rutrum.

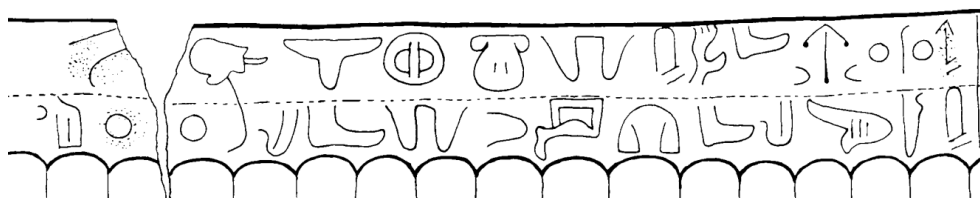
1.4 Leitura: BABYLON 3





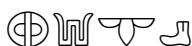



Trata-se de um vaso em estado fragmentário (Figura 1.4) escavado por Koldewey na década de 20 onde se acredita ser a cidade de Babilônia, sítio arqueológico de Arpada, noroeste de Alepo, contendo uma inscrição no beiral em curvas de baixo relevo, sentido sinistroverso, em duas linhas a serem lidas em conjunto (para cada coluna, lê-se o caractere na primeira linha, em seguida o da segunda linha e assim sucessivamente). A inscrição, embora escavada na Babilônia, provavelmente teria sido produzida em Alepo e lá dedicada ao deus do trovão Tarhuneta da cidade, o que é indicado pelo epíteto 𒀠𒂍𒌷 TONITRUS.HALPA-*pa-ni* = *halpa(wa)ni* ‘halabeu’, desde o período imperial, a combinação dos logogramas L.199+L.84 / 85 𒀠𒂍𒌷/𒂍 TONITRUS+CRUS₂ / GENUFLECTERE via de regra denota a cidade de Halab.¹³ A data de produção é incerta, mas deve cair entre o século IX e VIII AEC.



Figura 1.4: Babylon 3. Diâmetro: 0.66m.; Profundidade (interna): 0.67m. Imagens produzidas e traçado feito por Hawkins (2000c, plate 212). Atualmente no Vorderasiatisches Museum, Berlin, no. VA Bab. 1507.

¹³ Com L.84 CRUS₂ 𒂍: ALEPPO 5; NIŞANTEPE 2, no. 57; İMAMKULU. Com L.85 GENUFLECTERE 𒂍: ALEPPO 6; TELL AHMAR 5; KÖRKÜN; BABYLON 1; BABYLON 3; HAMA 1. Também nomes próprios de figuras associadas a Halab são grafados com essa combinação, como Halparuntiya em MARAŞ 1 TONITRUS.HALPA-*pa-ru-ti(-i)-ia-*.



- (17)   
 za-ia-wa/i-a “SCALPRUM”-ka-ti-na CERVUS₂-ti-ia-sa
  
 TONITRUS.HALPA-pa-ni DEUS.TONITRUS-hu-ti PRAE-na
 
 [PONERE]-wa/i-ta
 zaya=wa katin(a) Runtiyas halpawani Tarhu(n)ti paran tuwa-ta
- (18) zaya=wa katin(a) Runtiyas halpawani Tarhu(n)ti
 DET.ACU. vasilha.NEUT.ACU. R.COM.NOM. halabeu.DAT. T.DAT.
 paran tuwata
 PREP. colocar-3SG.
 Este vaso Runtiya dedicou ao Tarhunta halabeu.

Referências

- ADIEGO, I. et al. (Ed.). *Luwic dialects and Anatolian: Inheritance and diffusion*. Barcelona: Universitat de Barcelona Edicions, 2019. (Series Anatolica et Indogermanica, 1).
- BAUER, A. H. *Morphosyntax of the Noun Phrase in Hieroglyphic Luwian*. Leiden: Brill, 2013.
- CARRUBA, O. *Das Palaische: Texte, Grammatik, Lexikon*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1970. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 10).
- COHEN, Y.; GILAN, A.; MILLER, J. L. (Ed.). *Pax Hethitica: Studies on the Hittites and their Neighbours in Honour of Itamar Singer*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2010. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 51).
- GUSMANI, R. *Lydisches Wörterbuch. Mit grammatische Skizze und Inschriftensammlung*. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1964.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 1: Text. Introduction, Karatepe, Karkamiš, Tell Ahmar, Maraş, Malatya, Commagene*. Berlin: De Gruyter, 2000a.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 2: Text. Amuq, Aleppo, Hama, Tabal, Assur Letters, Miscellaneous, Seals, Indices*. Berlin: De Gruyter, 2000b.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 3: Plates*. Berlin: De Gruyter, 2000c.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume III: Inscriptions of the Hittite Empire and New Inscriptions of the Iron Age*. Berlin: De Gruyter, 2024.
- HAWKINS, J. D. Scripts and Texts. In: *The Luwians*. Edição: H. Craig Melchert. Leiden: Brill, 2003. P. 128–169. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- HAWKINS, J. D. The “Autobiography of Ariyahinas’s Son”: an Edition of the Hieroglyphic Luwian Stelae Tell Ahmar 1 and Aleppo 2. *Anatolian Studies*, v. 30, p. 139–156, 1980.

- HAWKINS, J. D.; ÇAMBEL, H. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume II: Karatepe-Aslantaş The Inscriptions: Facsimile Edition*. Berlin: De Gruyter, 1999.
- HAWKINS, J. D.; MORPURGO DAVIES, A.; NEUMANN, G. *Hittite Hieroglyphs and Luwian: New Evidence for the Connection*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1974. (Nachrichten der Akademie der Wissenschaften in Göttingen, 6).
- HOFFNER JR., H. A. *The Laws of the Hittites: A Critical Edition*. Leiden: Brill, 1997. (Documenta et Monumenta Orientis Antiqui, XXIII).
- HOFFNER JR., H. A.; MELCHERT, H. C. *A Grammar of the Hittite Language*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2008. (Languages of The Ancient Near East).
- LAROCHE, E. *Les hiéroglyphes hittites*. Paris, 1960.
- MELCHERT, H. C. *Anatolian Historical Phonology*. Leiden: Brill, 1994. (Leiden Studien in Indo-European, 3).
- MELCHERT, H. C. *Cuneiform Luvian Lexicon*. Chapel Hill, N.C., 1993. (Lexica Anatolica, 2).
- MELCHERT, H. C. Language. In: *The Luwians*. Edição: H. Craig Melchert. Leiden: Brill, 2003a. P. 170–210. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- MELCHERT, H. C. (Ed.). *The Luwians*. Leiden: Brill, 2003b. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- MORPURGO DAVIES, A. Dentals, Rhotacism and Verbal Endings in the Luwian Languages. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, Vandenhoeck & Ruprecht (GmbH & Co. KG), v. 96, n. 2, p. 245–270, 1982. Acesso em: 24 jun. 2024.
- MOUTON, A.; RUTHERFORD, I.; YAKUBOVICH, I. (Ed.). *Luwian Identities*. Leiden: Brill, 2013. (Culture and History of Ancient Near East, 64).
- OBRADOR-CURSACH, B. *The Phrygian Language*. Leiden: Brill, 2020. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- PAYNE, A. *Hieroglyphic Luwian: An Introduction with Original Texts. 2nd revised edition*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2010.
- PAYNE, A. *Iron Age Hieroglyphic Luwian Inscriptions*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2012.
- RIEKEN, E. Die Zeichen <ta>, <tá> und <tà> in den hieroglyphen- luwischen Inschriften der Nachgroßreichszeit. de. *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, v. 50, 2008.
- RIEKEN, E.; YAKUBOVICH, I. (Ed.). The new values of luwian signs L 319 and L 172. In: SINGER, I. *ipamati kistamati pari tumatimis: Luwian and Hittite studies presented to J. David Hawkins on the occasion of his 70th birthday*. Tel Aviv: Emery e Claire Yass Publications in Archeology, 2010. P. 199–219.

- SINGER, I. (Ed.). *ipamati kistamati pari tumatimis: Luwian and Hittite studies presented to J. David Hawkins on the occasion of his 70th birthday*. Tel Aviv: Emery e Claire Yass Publications in Archeology, 2010.
- STARKE, F. *Die keilschrift-luwischen Texte in Umschrift*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1985. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 30).
- STARKE, F. *Untersuchung zur Stammbildung des keilschrift-luwischen Nomens*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 31).
- VELHARTICKÁ, Š. (Ed.). *Audias fabulas veteres. Anatolian Studies in Honor of Jana Součková - Siegelová*. Leiden: Brill, 2016. (Culture and History of Ancient Near East, 79).
- VERTEGAAL, A. *Voices in Stone: Studies in Luwian Historical Phonology*. 2020. Tese (Doutorado) – Netherlands Graduate School of Linguistics, Amsterdam.
- YAKUBOVIC, I. (Ed.). The West Semitic God El in Anatolian Hieroglyphic Transmission. In: COHEN, Y.; GILAN, A.; MILLER, J. L. *Pax Hethitica: Studies on the Hittites and their Neighbours in Honour of Itamar Singer*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2010. P. 385–398. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 51).
- YAKUBOVICH, I. *Sociolinguistics of the Luwian Language*. Leiden: Brill, 2010.
- YAKUBOVICH, I.; MOUTON, A. *Luwili: Hittite-Luwian Ritual Texts Attributed to Puriyanni, Kuwattalla and Šilalluḫi (CTH 758–763)*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 2023. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 10).

Esse documento foi diagramado usando o sistema
[LuaT_EX](#) mantido por Manuel Pégourié-Gonnard.
Todos os *softwares* utilizados na diagramação deste
document são gratuitos e *open source*.
26 de junho de 2024.